

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE EM WINNICOTT

## CONSIDERATIONS ABOUT AGRESSIVENESS IN WINNICOTT

Angelo Luiz Ferro<sup>1</sup>  
Ieda Maria Munhós Benedetti<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho objetivou apresentar o conceito de agressividade, segundo pressupostos de Donald Winnicott, presente no desenvolvimento infantil e parte constitutiva do sujeito. Daí a necessidade de o ambiente no qual o bebê esteja seja acolhedor e possibilite o amparo para que desenvolva os três principais processos que acompanham seu desenvolvimento: a integração, personalização e adaptação à realidade. Ao reconhecer os elementos destrutivos que acompanhou o bebê primitivamente, instaura-se a culpa, no entanto, a integração auxilia o bebê controlar seus impulsos agressivos. Utilizamos a revisão bibliográfica como metodologia, a fim compreender importantes conceitos sobre o tema. Conclusivamente, compreende-se que a agressividade constitui o sujeito e a partir do *concern*, este consegue reparar aquilo que tentou destruir, provocando a sua dimensão construtiva.

**Palavras-chave:** agressividade; *concern*; constituição do sujeito.

### ABSTRACT

This paper seek to introduce the concept of aggressiveness through assumptions made by Donald Winnicott, whose concept is present on the child development, constitutive part of the subject. There is a need that the environment that the child is inserted be welcoming and allows support to the three principal processes: integration, personalization and realization, that follows the baby's constitution. Recognizing the destructive elements that followed the baby primarily, guilt is established, however, integration allows to control his aggressive impulses. Bibliographic review was used as methodology to understand important concepts about the topic. Conclusively, it was understood that the aggressiveness is a part of the subject and from concern, everything that tried to be destroyed is repaired, provoking the baby's constructive dimension.

**Keywords:** aggressiveness; concern; subject's contitution.

---

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutorando em Psicologia Clínica pela PUC – Rio, no qual é bolsista Capes. E-mail: [angelusferro@hotmail.com](mailto:angelusferro@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pós-Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (Unesp). E-mail: [iedabenedetti@hotmail.com](mailto:iedabenedetti@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar sobre a psicanálise como área do saber e como ela se organizou não se constitui uma tarefa fácil. Mas, faz-se importante compreender como alguns dos seus pensadores abordaram temas e pensaram sobre a constituição do sujeito. Este trabalho visa compreender como Donald Woods Winnicott pesquisou e teorizou acerca da agressividade e como esta é um importante meio pelo qual a constituição do sujeito torna-se possível.

Donald Woods Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês, que desenvolveu um intenso trabalho no campo científico da pediatria. Ele atendeu crianças até o fim de sua vida, o que com certeza trouxe grande vantagem para desenvolver o seu trabalho analítico, ao pensar e propor sua teoria, que foi baseada principalmente por cerca de 60.000 consultas com crianças e familiares.

Winnicott valorizou a integração com o meio, com o outro e como isso influencia no desenvolvimento do ser, relação esta que tem origem ainda no período pré-natal. Em um estado que nomeou de “preocupação materna primária” que seria uma condição que se desenvolve gradualmente e se torna um estado de sensibilidade aumentada, especialmente durante o final da gravidez, continua por algumas semanas após o nascimento do bebê e não é facilmente recordada pela mãe, uma vez que é superado ou ainda que as recordações desse estado tenham sido reprimidas. Winnicott destaca então a identificação profunda que existe entre a mãe e o bebê ainda na fase intrauterina o que possibilita que a mãe se torne uma “mãe devotada comum” ou uma “mãe suficientemente boa”. Assim, como Winnicott (1990a, p. 40) postulou certa vez que, “Eu disse uma vez: ‘não há tal coisa como um lactente’ significando, é claro, que sempre que se encontra um lactente se encontra o cuidado materno, e sem cuidado materno não poderia haver um lactente”.

Com essa afirmação, introduz o paradoxo que permeia toda sua produção enquanto psicanalista: o bebê existe na relação com sua mãe, e ele não tem essa percepção, de modo que, ele é a mãe e vice-versa. Assim, para Winnicott há três principais processos que acompanham o desenvolvimento do bebê: a integração, a personalização e a adaptação a realidade. Esses são processos interdependentes, que não se consolidam ao mesmo tempo e que nunca são de todo completadas, acompanhando nosso desenvolvimento por toda vida.

Embora os processos de maturação têm uma tendência, a formação de unidade é se dá através do *holding* materno que a criança se sente integrada em si mesma e começa a experimentar uma sensação de diferenciação do mundo em que vive. Há uma integração no tempo e no espaço. A integração começa a se processar através das experiências pulsionais agudas que dão às crianças a sensação de ser uma unidade a partir de seu interior. Para Winnicott, o *holding* não é apenas o contato físico, o sustentar a criança, o *holding* inclui a comunicação silenciosa entre a mãe e seu bebê que seria a raiz de todas as outras comunicações entre os seres humanos.

a sensibilidade cutânea do lactente – tato, temperatura, sensibilidade auditiva, sensibilidade visual, sensibilidade à queda (ação da gravidade) e a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo. [...] [e] as mudanças do dia-a-dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento [...] tanto físico como psicológico. (WINNICOTT, 1990a, p.48).

No decorrer da fase de *holding*, acontece um dos processos mais importantes do desenvolvimento do bebê, “o despertar da inteligência e o início da mente como algo separado da psique” (WINNICOTT, 1990a, p.45). A mãe vai mostrando ao bebê parcelas do mundo, condizente com seu estágio de maturidade, possibilitando o processo de continuidade do ser. Esse desenvolvimento inclui o movimento de fusão, que nas palavras de Winnicott (1990b, p. 116) “Vale lembrar que esse movimento não é o estado de fusão inicial com a mãe, um processo que inclui tanto a capacidade de amar quanto odiar”, e que é o inverso de desfusão. Completa-se “uma defesa complicada em que a agressão se torna separada da experiência erótica após um período em que o grau de fusão foi atingido” (WINNICOTT, 1990b, p. 116).

Grandes falhas e constantes da função do *holding* podem gerar intensos desconfortos para a criança, similares aos da desintegração, no qual Winnicott chamou de angustias inimagináveis ou de aniquilamento, que seria uma sensação de despedaçamento, de desconexão entre as partes do corpo. Estas ansiedades são comuns em estados psicóticos. Falhar em ser uma ‘mãe suficientemente boa’ também pode provocar intensa inquietação, distúrbios do sono e da função digestiva e podem se manifestar em outras etapas da vida.

O conceito de não-integração se difere do de desintegração pois este não é acompanhado de ansiedade ou sensações ameaçadoras e é uma das bases de possibilidade para ficar só, que era considerada por Winnicott como uma das mais importantes

aquisições do homem. Já o processo de desintegração, o autor descreveu como uma defesa bem sofisticada produzida pelo bebê, que é uma proteção ativa do caos contra a não-integração na falta de auxílio ao *ego* por parte da mãe, ou seja, contra uma ansiedade gerada pela falta de segurança no estágio de dependência absoluta. Mas em termos analíticos, a desintegração é analisável pois é produzido pelo bebê, enquanto ansiedades inimagináveis não.

Para Winnicott (1990), ao nascer, o bebê não tem nenhuma possibilidade de reconhecer uma realidade não *self*, ou seja, não tem condições maturacionais para estabelecer relações com objetos que ele reconheceria como externos a ele. Deste modo, segundo Peres (2011, p. 44) “a mãe funciona como um “eu auxiliar” para aquele que ainda é primitivo e incipiente. O cuidado da mãe, o seu ir e vir, quando satisfatório, é sentido como um brincar pelo bebê, quando não, se torna uma invasão que gera um retraimento.”

Assim, a partir do momento que a criança se integra, ela começa a se preocupar com a mãe, percebe que essa existe independente dela. Ao reconhecer os elementos destrutivos que a acompanhou primitivamente, surge o sentimento de culpa, que é intolerável, no entanto, a integração possibilita que o bebê controle seus impulsos instintivos. Por certo, o bebê tende a reparar o mal que acredita que causou ao objeto de amor, a fase de *concern*. Deste modo, para Winnicott (1990c, p. 99), “A preocupação com o objeto amado surge a partir dos elementos agressivos, destrutivos e vorazes no impulso primitivo de amor, que é gradualmente assimilado ao *self* como um todo [...]”.

Sua obra também se originou em contato com pacientes adultos, principalmente com borderline e psicóticos, que estavam presentes intensamente na análise, em um *setting* que o Winnicott criava para que fosse muito vivo e acolhedor para os pacientes. Os contatos que teve com casos mais graves trouxe contribuição para a compreensão desses pacientes, como por exemplo, as vivências de não-integração (entre a mente e o corpo, entre partes do corpo, entre o eu e o mundo), e também como aos distúrbios histéricos e a gênese dos sintomas psicossomáticos.

## **2 AGRESSIVIDADE E CONSTITUIÇÃO**

A teoria desenvolvida por Winnicott traz inúmeras contribuições para o entendimento da agressividade, de modo a mesma se apresenta, também, como princípio constitutivo e que propicia, quando apoiada em um ambiente estável, conquistas no

desenvolvimento do sujeito. Deste modo, a agressividade perpassa a condição de ser, existir e do amadurecimento pessoal. Pela primeira vez têm, -se uma leitura para a agressividade a partir de uma positividade, por isso o paradoxo da teoria winnicottiana. Agressividade é uma potencialidade, diferente de agressão que é ato. Se não há sobrevivência, a agressividade vira agressão, violência.

Por mais que ele fale sobre amor e ódio, ele está tentando pensar um tipo específico de agressividade, e que no texto está ligada ao amor. Como entender essa agressividade muito primária que está ligada a um amor muito primitivo (do bebê para com a mãe). A agressividade, derivada de aspectos de inveja, ódio ou afetos, ou seja, um aspecto da pulsão de morte, como afirma Melanie Klein; a agressividade seria resultado, nas suas raízes, de sua frustração, da raiva que deriva da frustração. Mas para Winnicott pensa em algo que está anterior a isso. O amor, por exemplo, se veste de agressividade para devorar o objeto amado, assim, para Winnicott (1950-55/2000, p. 289) “a agressividade faz parte da expressão primitiva de amor”.

No texto *Agressão e suas raízes* (1939), Winnicott relata que:

Por vezes a agressão mostra-se claramente e consome-se, e precisa de alguém para enfrentá-la e fazer algo que impeça os danos que ela poderia causar. Outras tantas vezes a agressão não se mostra abertamente, aparecendo seus impulsos sobre a forma de um determinado tipo oposto. Talvez seja uma boa ideia, em meu entender, observar alguns tipos antagônicos da agressão. (WINNICOTT, 1982, p. 263).

Deste modo, o autor continua e postula que há características na natureza humana que podem ser encontradas em todas as crianças e em todos seres humanos de qualquer idade, e que as aparências podem ser distintas, mas existem denominadores comuns nos problemas dos seres humanos. Ou seja, “uma criança pode tender para a agressividade e outra dificilmente revelará qualquer sintoma de agressividade desde o princípio; todavia, cada uma delas tem o mesmo problema” (WINNICOTT, 1982, p. 263).

O referido autor, por conseguinte, aborda a distinção entre a criança atrevida e a tímida,

Numa, a tendência é para obter o alívio que faz parte da manifestação ostensiva de agressão e hostilidade e na outra há uma tendência para encontrar essa agressão, não no eu, mas algures, e ter medo dela ou ficar apreensiva na expectativa de que se exerça sobre a criança, proveniente do mundo externo. A primeira criança é feliz por descobrir que a

hostilidade manifestada é limitada e consumível, ao passo que a segunda criança jamais atinge um extremo satisfatório e fica esperando sempre sucessivas dificuldades. E em outros casos, as dificuldades realmente existem. (WINNICOTT, 1982, p. 264 – 265).

Neste mesmo texto, o autor relata o caso de uma menina e que para entender as pulsões agressivas deve compreender as relações dela com suas fantasias e com o ambiente. Nesse eixo da relação, em que alguém afeta e alguém é afetado, é neste contexto que devemos pensar todo e qualquer processo de subjetivação. Neste mesmo texto, Winnicott diz que o brincar é construtivo, mas para que seja possível esse brincar construtivo e que não seja perturbado por excesso de agressividade, é preciso que ela não tenha deixado resíduo. O brincar criativo, que realmente é vivido como uma experiência satisfatória, saudável, depende da elaboração da agressividade primária. Winnicott (1982) diz que o mais fundamental é que o ambiente reconheça a agressividade para que a criança reconheça a agressividade dela.

A brincadeira baseada como é na aceitação de símbolos contém possibilidades infinitas. Habilita a criança a experimentar seja o que for que se encontre em sua íntima realidade psíquica pessoal, que é a base do crescente sentido de identidade. Tanto haverá agressão, quanto amor. (WINNICOTT, 1982, p. 267).

Na excitação tem expressão da agressividade primária, mas também estados de tranquilidade. Nessa relação de composição, onde agressividade pode ser experiência de excitação e possibilidade de receber e levá-la para inibição, para um momento de tranquilidade. A criança deve buscar a permanência do objeto, de estar ali dando suporte para essa existência. Controlar agressividade, sem sufocá-la. A perspectiva para Winnicott é processual, que sempre há um processo em andamento e quanto mais esse processo for fluído, melhor.

Segundo Peres (2011, .49),

Winnicott (1990) subdivide teoricamente a agressividade em três estágios, embora na prática eles se apresentem num *continuum* que tem início, como vimos, na vida intrauterina, sem contar os momentos de regressão, onde é possível experimentar uma etapa que já havia sido concluída. São eles: 1. estágio inicial, durante a fase da não (ou pré) integração, onde existe o propósito sem piedade - o bebê ainda não tem noção do que é interno ou externo – dependência absoluta em relação ao meio; 2. estágio intermediário, durante o processo de integração, onde existe o propósito com piedade e a criança tem a oportunidade de sentir culpa – dependência relativa em relação ao meio; 3. estágio

denominado personalidade (ou pessoa) total, marcado pelas relações interpessoais, situações triangulares, etc. – fase rumo à independência.

No texto *Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945)*, a agressividade no contexto da vitalidade é pensada pelo Winnicott no que diz respeito a sobrevivência, enquanto o vivente reage, ele não é. Integração, personalização e realização que é a base do processo de individuação, que parte de uma compreensão pré-individual. Uma dimensão de individuação pré-individual, porque isso se passa num momento que é possível experimentar a individualidade. Singularidade pré-individual que o bebê faz do mundo antes de ganhar consistência de personalização e integração.

Posteriormente, Winnicott (1975a, p. 291) propõe que “se a agressividade é perdida nesse estágio do desenvolvimento emocional, ocorre também a perda de uma parte da capacidade de amar, ou seja, de relacionar-se com objetos”. Ou seja, é nesta ocasião primitiva que a criança se capacitará a relacionar-se com objetos e a conseguir direcionar sua agressividade quando essa for uma atividade proposital.

A raiva, bem como o ódio como distintos do amor, vão se dar pela oposição apresentada pelas frustrações “1. Impulsos agressivos inocentes contra objetos frustrantes; 2. Impulsos agressivos provocadores de culpa contra objetos amados.” (WINNICOTT, 1975a, p.292). Deste modo, estes pontos apresentados tendem a afastar a culpa e vão propiciar o surgimento do mecanismo de defesa que visam separar o ódio do amor, fazendo com que atuem em direções diferentes.

O sentimento de culpa será diminuído, o ódio transforma-se mais explosivo, pois a agressividade que antes pertencia ao amor, está parcialmente perdida.

O que é mau é retido por algum tempo, para ser usado em expressões de raiva, e o que é bom é retido para servir ao crescimento pessoal, bem como à restituição e à reparação, e para fazer o bem ali onde imaginativamente havia sido feito um mal. (WINNICOTT, 1988/1990c, p.91).

Assim, dependendo como será o manejo do bebê em seu ambiente e dos seus potenciais, a agressividade primitiva é destrutiva. A compreensão da palavra destruição é necessária, segundo Winnicott (1968/1994, p. 176), “não por causa do impulso do bebê a destruir, mas por causa do risco do objeto não sobreviver, o que também significa experimentar mudança em qualidade ou em atitude”.

Ainda, para melhor compreender o papel da agressividade em Winnicott, vamos buscar em Pontalis (1977) considerações sobre a destrutividade.

Sobre a teoria de Winnicottiana, Pontalis (1977) no livro *Entre o sonho e a dor*, aborda a questão dos quatro tempos de constituição dos objetos, sendo que esses tempos estão em uma linha cronológica que participa de toda a vida psíquica, constituindo-a, sem que os tempos mais primitivos cheguem a desaparecer completamente. No primeiro tempo, a criança cria o objeto, sendo a criatividade um pressuposto apriorístico nessa teoria. Diferentemente de outras abordagens psicanalíticas onde a criatividade aparece como fruto do desenvolvimento saudável, nesta abordagem a criatividade aparece com ação, como *a priori*, sem a qual o desenvolvimento não pode acontecer.

O seio é frequentemente recriado pela criança em função de sua necessidade. A mãe apresenta o seio no lugar e na hora certos em que a criança demanda para criá-lo, onde há demanda da necessidade do mesmo. É o tempo que Freud designou como satisfação alucinatória e pertence à época que Winnicott (1975b) chama a dependência absoluta do bebê. Vê-se, nesse tempo, a formação de um núcleo da onipotência, que é uma etapa necessária. Retornando à Winnicott (1975b), o autor postula que “se a dependência realmente significa dependência, então a história de um bebê individualmente não pode ser escrita apenas em termos do bebê. Tem de ser escrita também em termos da provisão ambiental que atende a dependência ou que nisso fracassa” (WINNICOTT, 1975b, p. 116).

De acordo com Pontalis (1977), o segundo tempo compreende a progressiva integração do eu da criança, ou seja, é correlativa da constituição de um objeto exterior. O bebê está se constituindo e constituindo o objeto lá fora, este é o tempo da relação de objeto. Nesse processo o tempo conserva sempre o nível das relações de objeto que é definido como feixe de projeções e como fonte de identificações: o sujeito investe o objeto que sempre pode voltar a ser parte do eu; esta relação é caracterizada como de objeto narcísica.

No terceiro tempo, portanto, constatamos que o objeto se torna transicional; onde é ao concomitantemente eu e não-eu, a mãe e um objeto bem real, diferente da mãe criado pelas etapas anteriores, segundo os pressupostos de Pontalis (1977).

Por fim, o quarto tempo proposto por Pontalis (1977), seria o da conquista da possibilidade de usar um objeto. O objeto guarda o paradoxo inaugurado pelo objeto transicional. Aqui a mãe precisa ter uma existência própria e, concomitantemente, precisa refletir o bebê para que ele se reconheça.

Junto a este olhar que se torna dedicado por completo a ele, ela precisa refletir também algo de sua própria subjetividade, separada. É isto que o bebê destrói, sem, no entanto, conseguir aniquilar.

Ao sobreviver às tentativas de ser destruída pelo bebê, a mãe pode se tornar um sujeito com sua própria existência, características e peculiaridades, e dar então um reconhecimento a ele que terá muito maior valor, pois virá de alguém real, que resistiu a sua destruição, e não de uma superfície de vidro que reflete sempre a mesma coisa.

Para Winnicott, o bebê cria o objeto, mas o objeto estava lá para ser criado. O bebê cria o seio, que a mãe oferece para ser criado. É o paradoxo a experiência de ilusão

Em cada etapa há rastros das etapas de construção do objeto deixadas na próxima etapa. No quarto tempo, do uso de um objeto, está próximo do objeto transicional e de sua especificidade, visto que o objeto transicional surge da capacidade do bebê de modificar o dado e transformá-lo em criado.

No quarto tempo, ao destruir o objeto em fantasia, o bebê está buscando testar a sua realidade, e encontrando o objeto externo que sobreviveu e possui autonomia em relação à voracidade do bebê, o sujeito encontra-se agora com um seio diferente-dele e pode receber uma contribuição que só pode vir dessa experiência.

A fim de acessar o quarto tempo, é preciso abrir mão do objeto plenamente satisfatório, descobrindo o outro em sua diferença, o que acontece paradoxalmente junto com algum nível de criação subjetiva.

O sujeito pode agora usar o objeto que sobreviveu, porém, antes a mãe precisa sobreviver aos ataques agressivos vividos no amor impiedoso do bebê. Os ataques impiedosos acontecem em momentos em que o bebê ainda não reconhece a mãe como um outro humano, igual a ele. A culpa, no bebê, surge como uma aquisição nessa etapa. O bebê ataca o corpo da mãe de modo voraz e impiedoso até que, na experiência do *holding* e nas vivências relacionais com a mãe a reconhece com igual.

Surge assim a culpa como aquisição e a necessidade de sustentar as tensões dela na própria corporalidade, sem essa possibilidade o indivíduo não se torna um adulto capaz de sustentar as tensões da vida cotidiana de modo satisfatório.

O bebê desenvolve a expectativa vaga que se origina em uma necessidade não-formulada. A mãe, em se adaptando, apresenta um objeto ou uma manipulação que satisfaz as necessidades do bebê, de modo que o bebê começa a necessitar exatamente o que a mãe apresenta. Deste modo o bebê começa a se sentir confiante em ser capaz de criar objetos e criar o mundo real. A mãe proporciona ao bebê um

breve período em que a onipotência é um fato da experiência. (WINNICOTT, 1990c, p. 60).

Se inicialmente, perder controle sobre o objeto demanda o desejo de destruí-lo, quando ele sobrevive à destruição, ganha autonomia e torna-se real e, de uma maneira ou de outra, há possibilidade de o sujeito começar a viver uma vida no mundo dos objetos, e com isso tem a ganhar de maneira imenso, no entanto o preço pago pela destruição continuada na fantasia inconsciente relativa ao relacionamento dos objetos (WINNICOTT, 1968).

Além disso, Winnicott pensa que é a própria destrutividade primária que cria a realidade, colocando o objeto fora do eu.

### **3 PARA NÃO CONCLUIR...**

A possibilidade de reparação, se dará a partir do amparo primário e da relação contínua entre mãe-bebê, que vai proporcionar a ilusão ao infante. A partir deste fenômeno, há possibilidade que o bebê conquiste o *concern*, que dará suporte a destrutividade. Ou seja, na medida em que ele oferece algo para a mãe, e é aceita, bem recebida acontece o *concern*, é quase que uma oferta de reparação e esta é aceita para reparar o estrago causado. No texto *Amor, culpa e reparação (1960)*, Winnicott propõe a sobrevivência do outro como potência de vida. Sobreviver, sem retaliar. A sobrevivência é, antes de tudo, mais importante, mais até que a reparação. E isso percebemos com esse texto. Dar oportunidade de reparação, implica da agressividade primeira, instituir-se alguma coisa, ou seja, a aquisição do sentimento de culpa. E ela deve se desdobrar em *concern* com o outro. Aí está a dimensão construtiva

A realidade para Winnicott não se impõe, ela é criada gradativamente, o bebê vai criando-a. E só pode ser criada na medida de uma ilusão que leva em consideração a criatividade primária. A presença do outro sustentando aquilo que está sendo criado e encontrado, é essa experiência sensorial que pode criar um círculo benigno que se repete, produzindo a diferença. O outro é importante enquanto está lá, promovendo a repetição, e o outro vai se tornando diferente, porque algo vai diferindo nessa repetição. Com isso, a preocupação com as ideias destrutivas do amor, vão encontrar motivação para um esforço construtivo:

1. Estragar o objeto bom é torná-lo menos bom e, dessa maneira, menos sujeito a ataques e 2. a destruição que se acha na raiz do relacionamento com objetos e que, na saúde, canaliza-se para a destruição que se dá no inconsciente, na realidade psíquica interna do indivíduo, em sua vida onírica e suas atividades lúdicas, e na expressão criativa. (WINNICOTT, 1965/1994, p.180).

Conclusivamente, nota-se, a capacidade do bebê em usar objetos para ser possível a sobrevivência de si e a possibilidade de construir novos planos para sua continuidade. A agressividade é constitutiva, e o ambiente deve proporcionar meios para que o bebê encontre amparo em sua agressividade para, posteriormente, a partir da culpa, reparar.

A aquisição do sentimento de culpa surge com a capacidade de reconhecer o outro como humano, igual a ele, na superação dos ataques do amor impiedoso. A mãe ganha contornos humanos e singulares, criados pelo bebê e ao mesmo tempo, paradoxalmente, próprios dela mesma. Essa aquisição dará ao bebê, as possibilidades de sustentar os sentimentos de agressividade, na própria corporalidade, permitindo que o bebê tenha um corpo capaz de lidar com as próprias demandas instintivas como experiências de si.

Para finalizar, recorreremos ao escrito de Winnicott (1987/2012) que visa explicar a experiência de sobrevivência de mãe-bebê, no qual, será permitido a continuidade do desenvolvimento do bebê:

Encontro você;  
Você sobrevive ao que lhe faço à medida que  
A reconheço como um não-eu;  
Uso você;  
Esqueço-me de você;  
Você, no entanto, se lembra de mim;  
Estou sempre me esquecendo de você;  
Perco você;  
Estou triste. (WINNICOTT, 1968, p. 92).

## REFERÊNCIAS

PERES, F. S. Agressividade e violência no cenário contemporâneo: contribuições winnicottianas. **Cadernos Psicanálise -CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 41-52, 2011. Disponível em: <  
[http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno24\\_pdf/15\\_CP\\_24\\_AGRESSIVIDADE\\_E\\_VIOLENCIA.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno24_pdf/15_CP_24_AGRESSIVIDADE_E_VIOLENCIA.pdf)>. Acesso aos 10 jan. 2022.

PONTALIS, J.-B. **Entre o sonho e a dor**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 1977.

WINNICOTT, D. W. O Uso de um Objeto e o Relacionamento através da Identificações. *In*: C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis, **Explorações Psicanalíticas D.W. Winnicott**. Porto Alegre: Artmed, 1968/1994. p. 171-177.

WINNICOTT, D. W. (1965). Notas escritas no Trem, Parte 2. *In*. C. WINNICOTT, D.W; SHEPHERD, R; DAVIS, M. **Explorações Psicanalíticas D.W. Winnicott**. Porto Alegre: Artmed, 1965/1994. p. 180.

WINNICOTT, D. W. *Naturaza Humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988/1990.

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil. *In*: WINNICOTT, D. **O ambiente e os processos de maturação: sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1960/1990a. p. 38-54.

WINNICOTT, D. W. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? *In*: WINNICOTT, D. **O ambiente e os processos de maturação: sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990b. p. 114-127. [1959-1964].

WINNICOTT, D. W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. *In*: WINNICOTT, D. **O ambiente e os processos de maturação: sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962/1990c. p.55-61.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *In* WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975a.

WINNICOTT, D. W. A Criatividade e suas origens. *In* WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975b.

WINNICOTT, D. W. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. *In* WINNICOTT, D. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Artes Médicas, 1963.

WINNICOTT, D. W. A capacidade de estar só. *In* WINNICOTT, D. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Artes Médicas, 1958.

WINNICOTT, D. W. Raízes da Agressividade. *In*: WINNICOTT, D. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982. p.262-270.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1987/2012.

*Submissão 09/03/022*

*Aceito 31/03/2022*